

A ESQUERDA ESOTÉRICA

Rodrigo Emídio Silva

[Geógrafo. Professor na rede estadual e municipal Goiânia/GO. Membro do Grupo de Estudos Dona Alzira/GO]

Há uma mudança semântica e lexical no contemporâneo. Vamos aos exemplos. Gratidão substituiu o velho obrigado.

E a gratiluz, versão remasterizada *namastê* de gratidão, associa agradecimento com fóton espiritual.

Namastê, que por sua vez, é uma saudação do sânscrito que significa curvo-me diante de ti. Esta continência espiritual populariza-se entre os adeptos dos ritos hinduístas, facilmente encontrados nos cursos de óleos essenciais.

Consolidam-se outras terminologias médicas: chakras, meridianos da acupuntura e o salvador Reiki, que são comumente encontradas nas sessões de terapia ocupacional. O leque de possibilidades abre-se como rabo de pavão. Olhos. Olhos. E hipnose.

O cardápio está na mesa. Se te interessar, New Age é o nome desta franquia metafísica. Coma o que puder.

Antes que pergunte: Claro, temos pratos veganos. Sirva-se. O roteiro de preparo é simples, baseia-se na procura da paz interior cultivada na resiliência, com pitadas de individualismo. Os cardápios são flexíveis, mistura-se feijoada com sushi.

Não há espaço para a rigidez dogmática. É o que chamamos de ecletismo pós-moderno.

Como um sujeito de esquerda da década de 90, sou familiarizado com os ditos marxistas cristãos da Teologia da Libertação.

Cresci ouvindo padres pregarem que Cristo era marxista e que Marx era um ateu que acreditava em Deus.

A fluidez é tamanha que fiquei estarecido com um anarquista budista que defendia o Estado e o esertinho disse:

O Estado Importa. Se você se cansar de uma parafernália discursiva, pule para outra. Tente. Tente. Tudo é válido para tornar-se um sujeito melhor. A melhor versão de si. A esquerda, que não perde o bonde da história, atualiza-se com o esoterismo.

Esta esquerda esotérica tem alguns chistes discursivos que merecem destaque, há uma procura pela terra prometida.

Sim. Até gostam da ideia da Reforma Agrária, mas, para finalidades práticas, compram chacarzinhas agroecológicas.

Se for em um condomínio fechado, por mérito de segurança, temos a realização perfeita da utopia de retorno à natureza.

Esta gente de bem e de esquerda não abre mão de ajudantes para os trabalhos com a terra e exigem uma internet de boa qualidade. A esquerda esotérica é uma mistura de burguesia com o estilo *roots*, apelidados de burga-roots.

Adoram uma arquitetura rústica, existe um devaneio por casas de adobes.

Reforçam que esta tecnologia ancestral nos salvará de todos os males da casa-mundo.

Nas conversas despretensiosas com seus iguais, conclamam que o futuro é ancestral.

Adoram curar os males do corpo e da alma com chás terapêuticos, brotos de feijão e Kombucha.

Se todas estas estratégias naturais não retrocederem o envelhecimento, a toxina botulínica é santo chá para suavizar as rugas e marcas de expressão. Com um paladar apurado, apreciadores de cafés gourmets e as cafeterias,

transformaram estes espaços em pontos de encontro para tramarem a revolução.

Estátuas de Oxum, Buda, São Jorge e Shiva, *souvenirs* das viagens espirituais, dividem harmoniosamente a mesma superfície do móvel de antiquário. Não sei ao certo se esta esquerda esotérica acredita, de fato, em forças espirituais.

Estes objetos apresentam-se mais como signos vazios de sujeitos que procuram paz espiritual comprando bugigangas.

Estão mais próximos da cultura consumista do que qualquer filosofia de vida oriental ou africana.

Trabalho, luta de classes e mais-valia que são, ou eram, categorias centrais, que identificavam o típico sujeito de esquerda, perdem espaço para identificações metafísicas que se aconchegam em marcadores narrativos que abominam

o concreto-pensado das tensões históricas.

Não sei dizer se esta esquerda é só mais uma feição do neoliberalismo. Não sei.

Mas sei que, ao entardecer, passearão com seus pets pelos parques e desviarão daqueles que têm fome.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.